

Posições responsivas como indício de autoria na escrita de pós-graduandos

Responsive positions as evidence of authorship in the writing of graduate students

José Cezinaldo Rocha Bessa*
*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Pau dos Ferros, RN, Brasil*

Resumo: Os modos como estudantes em formação na pós-graduação expressam uma configuração autoral em seus escritos científicos se inscrevem em um campo aberto a múltiplas problematizações e reflexões de pesquisadores das ciências da linguagem e da educação. Em vista disso, nosso objetivo, neste trabalho, é lançar olhares investigativos sobre as configurações autorais que se concretizam em produções científicas de jovens pesquisadores, buscando mais especificamente analisar a manifestação de posições responsivas como indícios de autoria. Como aporte teórico, recorremos às reflexões do pensamento do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2003, 2010, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b; Volóchinov, 2017); e a trabalhos de estudiosos (Boch, 2013; Delcambre, 2013, dentre outros) que abordam a escrita acadêmico-científica. Do ponto de vista metodológico, nossa investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza interpretativa e de abordagem qualitativa. O corpus de análise é constituído de 10 (dez) artigos científicos de estudantes de mestrado da área de Linguística. As análises apontam que os estudantes de mestrado do contexto investigado expressam uma configuração autoral marcada sobretudo por posições responsivas que indicam compartilhamento de ideias, reprodução de dizeres e adesão às posições dos autores citados.

Palavras-chave: Posições responsivas. Autoria. Artigos científicos.

Abstract: The ways in which graduate students in training express an authorial configuration in their scientific writings are inscribed in a field open to multiple problems and reflections by researchers in the sciences of language and education. For this reason, our objective, in this study, is to investigate the authorial arrangements that materialize in scientific productions of young researchers, seeking more specifically to analyze the manifestation of responsive positions as evidence of authorship. As a theoretical contribution, we grounded on the reflections of the Bakhtin Circle's thinking (Bakhtin, 2003, 2010, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b; Volóchinov, 2017); and the work of scholars (Boch, 2013; Delcambre, 2013, among others) that address academic-scientific writing. From a methodological point of view, our investigation is characterized as a research of an interpretative nature and of a qualitative approach. The analysis corpus consists of 10 (ten) scientific articles from Master's students in the area of Linguistics. The analyzes indicate that the Master's students in the investigated context express an authorial configuration marked mainly by responsive positions that indicate sharing of ideas, reproduction of sayings and adherence to the positions of the authors mentioned.

* Professor Doutor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros, RN, Brasil; cezinaldobessauern@gmail.com

Keywords: Responsive positions. Authorship. Scientific articles.

1 INTRODUÇÃO

Assumindo a perspectiva enunciativa da linguagem do Círculo de Bakhtin, propomo-nos a abordar a construção da autoria na escrita científica de jovens pesquisadores. Partimos da compreensão de que a autoria é uma temática relativamente explorada no campo da investigação linguística e da educação aqui no Brasil, sobretudo quando o foco é a produção de textos escritos em níveis mais elementares da formação educacional (Geraldi, 2003; Fiad, 2008; Fortunato, 2009; Borges; Marinheiro, 2011; Furlanetto; Ribeiro, 2016; Lima, 2017; Brambila; Vidon, 2019, entre tantos outros). Acreditamos, contudo, que há muito ainda a ser pensado, dito e problematizado sobre a autoria na produção textual científica requisitada em níveis mais avançados do processo de formação, de modo particular no contexto da escrita científica de estudantes/pesquisadores na pós-graduação.

A atenção que reivindicamos aqui sobre o modo como estudantes/pesquisadores em formação em nível de pós-graduação expressam uma configuração autoral em seus escritos científicos se inscreve num campo aberto a múltiplas problematizações e reflexões de pesquisadores das ciências da linguagem e da educação, especialmente aqui no Brasil. Compreendemos, portanto, que, nesse contexto de produtividade em larga escala (Waters, 2006), de exigências de produções em tempos diminutos (Bianchetti, 2012) e de uma tendência de redução de tempo para a escrita de pesquisa (Bessa, 2017), é preciso lançarmos olhares investigativos sobre as configurações autorais que se concretizam nas produções escritas de estudantes de pós-graduação.

Compartilhando dessa compreensão e ancorados sobremaneira em contribuições bakhtinianas sobre o funcionamento dialógico da linguagem e em trabalhos de estudiosos que abordam a escrita acadêmico-científica, pretendemos, neste trabalho¹, analisar a manifestação de posições responsivas como indícios de construção da autoria na escrita de artigos científicos de jovens pesquisadores, mais particularmente de estudantes de mestrado da área de Linguística. Interessa-nos especificamente perceber o diálogo que se trava entre a palavra do estudante e a palavra outra/citada, buscando compreender como, na construção da autoria na escrita científica, o estudante de mestrado apreende/assimila/reelabora a palavra de outrem da qual se utiliza.

Acreditamos que este trabalho se constitui em uma oportunidade de aprofundarmos o conhecimento sobre as condições e práticas de escrita científica na pós-graduação e de refletirmos sobre elas. É também, a nosso ver, uma oportunidade de podermos examinar e dimensionar em alguma medida a qualidade da escrita científica nesse nível de formação (no contexto das humanidades e, em particular, no

¹ Este trabalho constitui um recorte, com modificações e acréscimos, de nossa pesquisa de doutorado intitulada *Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Campus de Araraquara.

domínio disciplinar² da Linguística), de modo a contribuir, assim, para os estudos sobre escrita acadêmico-científica desenvolvidos no Brasil.

2 O DIÁLOGO ENTRE PALAVRA ALHEIA E PALAVRA PRÓPRIA: SER AUTOR É CONSTITUIR-SE UM SUJEITO RESPONSIVO NAS FRONTEIRAS DO DIZER

Para tratarmos da relação entre palavra alheia e palavra própria na produção discursiva na/da esfera acadêmico-científica pensando a questão da autoria em uma perspectiva enunciativa da linguagem pelo viés da abordagem bakhtiniana, entendemos ser fundamental começar explicitando o que se quer dizer quando, a partir das reflexões do Círculo de Bakhtin, falamos de palavra alheia e palavra própria. Essa questão da inter-relação entre palavras aparece problematizada em mais de um dos textos do Círculo de Bakhtin, como, por exemplo, no livro *Marxismo e Filosofia da linguagem*, especialmente quando Volóchinov (2017) desenvolve sua reflexão sobre o fenômeno do discurso citado, mas também naqueles escritos produzidos mais tarde por Bakhtin, inclusive naqueles textos considerados inacabados.

Nesses textos inacabados em particular, Bakhtin (2016b, 2017b) coloca o enfrentamento dessa questão como um desafio para as ciências humanas, dada a sua enorme importância para compreender o indivíduo, o homem. Eis como ele problematiza a questão:

A palavra usada entre aspas, isto é, sentida e empregada como palavra do outro, e a mesma palavra (como alguma palavra do outro) sem aspas. As gradações infinitas no nível de alteridade (ou assimilação) entre as palavras, as suas várias posições de independência em relação ao falante. As palavras distribuídas em diferentes planos e em diferentes distâncias em face do plano da palavra do autor. (Bakhtin, 2016b, p. 96).

Como esse pensador postula nessa citação, é indiscutível que não há propriamente uma relação de pertencimento entre o sujeito falante e a palavra que ele emprega. Ele não é o seu dono, proprietário exclusivo, posto que a palavra *não pertence a uma só voz, a uma só consciência*. “Uma só consciência é um *contradictio in adjecto*. A consciência é essencialmente plural” (Bakhtin, 2003, p. 342, grifos do autor).

Desse ponto de vista, o domínio sobre a palavra só pode ser ilusório (Ponzio, 2010). Para Volóchinov (2017), somente no instante do ato fisiológico de materialização, a palavra é uma propriedade inalienável do locutor. Assim, no fluxo da comunicação discursiva, o sujeito falante sente e emprega as palavras retiradas sempre dos lábios de outrem. Elas vivem na fronteira de, pelo menos, duas consciências, de dois sujeitos. Nada mais coerente para um pensamento que entende que viver numa zona fronteira é próprio do ser humano, como condição de sua constituição responsiva, alteritária, intersubjetiva: “O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (Bakhtin, 2003, p. 341, grifos do autor).

² Pensar a escrita científica situando-a nas práticas disciplinares implica assumir que “cada disciplina cria novas formas de ver o mundo, novas formas de pensar suas problemáticas e novas formas de atuar nele”. (Bazerman, 2014, p. 11, tradução nossa).

Se para o sujeito falante, como sustenta Bakhtin (2016a, 2017b), todas as palavras se dividem nas suas palavras e nas palavras dos outros, se “a palavra não é uma propriedade exclusiva e total do falante” (Ponzio, 2009, p. 101), se não há, portanto, uma palavra inteiramente de um locutor, como entendermos, nos textos do Círculo, a questão do uso dos termos *palavra alheia* e *palavra própria*? Em que sentido é possível falar de uma palavra própria? Ou melhor, o que se quer dizer quando se diz que uma palavra é uma *palavra própria*? Uma boa resposta para esses questionamentos e para um entendimento da questão que se coloca aqui pode ser encontrada no texto *Os gêneros do discurso*:

[...] pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha palavra*, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto do contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, e esse contato é realizado pelo enunciado individual. Neste caso, a palavra atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual (de alguém dotado de autoridade, do escritor, cientista, pai, mãe, amigo, mestre etc.) como abreviatura do enunciado. (Bakhtin, 2016a, p. 53-54, grifos do autor).

Com base nesses dizeres, vemos que, na comunicação discursiva, a palavra, embora seja sempre palavra alheia, palavra de outrem, torna-se palavra própria quando, numa determinada situação, o locutor/falante a preenche com sua intenção; quando ele a assimila, a reelabora e a reacentua, ou, mais precisamente, quando ela é a expressão da posição responsiva sempre valorada desse locutor. Podemos dizer, assim, que, quando falamos de *palavra própria*, estamos falando da *experiência discursiva individual do falante*. De acordo com o filósofo russo, essa experiência não pode nunca ser apartada da relação com os enunciados dos outros (que podem ser os seus ‘próprios enunciados’, ditos em outros contextos), a partir dos quais se forma e se desenvolve, sempre como ato responsivo.

Como, então, na comunicação discursiva, dá-se essa experiência discursiva individual do falante? Bakhtin (2003) explica que isso se realiza mediante um processo que compreende assimilação, reelaboração e reacentuação das palavras do outro:

Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (Bakhtin, 2016a, p. 54, grifos do autor).

É preciso ter claro que essa experiência discursiva individual do falante é determinada pelo contexto singularmente individual de cada enunciado. Desse modo, faz sentido escutar não só afirmações como “um enunciado nunca fala sozinho, ele é incapaz de monologar, as palavras não são de ninguém” (Castro, 2014, p. 40), mas

também afirmações como “nós ouvimos essas palavras apenas em determinadas enunciações individuais” (Bakhtin, 2016a, p. 53). Logo, o que esclarece essa questão é considerar que o emprego das palavras é de índole individual-contextual, uma vez que, na atividade interativa, a interpretação atua na “transformação do alheio no ‘meu-alheio’” (Bakhtin, 2017b, p. 77). É, em última instância, considerar que, tomada em dado contexto, numa atividade de interlocução precisa, a palavra vai expressar sempre uma relação de compreensão respondente, uma posição responsiva, carregada de valores. É isso que vai determinar a irrepetibilidade, a unicidade, a singularidade da palavra; que a torna, portanto, uma experiência discursiva individual do falante.

Pensar, pois, a demarcação da relação *palavra alheia* e *palavra própria* é pensar na singularidade da palavra do eu, de uma singularidade que se dá sempre na relação eu-outro, já que sempre se trata de uma palavra *alheia-própria*. Nesse sentido, uma afirmação que resume e expressa bem sobre o que queremos enfatizar aqui acerca da relação *palavra alheia* e *palavra própria* pode ser sintetizada nestes dizeres de Ponzio (2010, p. 37): “a singularidade do eu é a singularidade da sua palavra em reportar-se à palavra alheia”, ou seja, está na maneira particular/individual como cada sujeito falante faz uso da palavra do outro na constituição do seu dizer, e, por conseguinte, no modo como se constitui autor.

Na abordagem dialógica bakhtiniana, o estudo da relação entre palavras não pode ignorar, portanto, a situação concreta de uso da palavra e a participação ativa dos falantes na troca comunicativa. Não pode ignorar a compreensão responsiva que se expressa em cada enunciado produzido em situação de interação; afinal, na cadeia da comunicação discursiva, cada palavra é sempre uma resposta e uma tomada de posição, uma forma de constituir-se autor em um enunciado específico (um gênero do discurso) singular e único.

FLP 22(2)

3 DA ESCRITA CIENTÍFICA AO ARTIGO CIENTÍFICO: ANCORAGENS E DELIMITAÇÕES TEÓRICAS

Em conformidade com a perspectiva do pensamento bakhtiniano, assumimos aqui que as formas de enunciar de natureza propriamente científica apresentam a especificidade de manifestarem o dialogismo no seu grau mais imediato (Amorim, 2004), afinal “não se pode conceber um texto científico que não explicita suas relações com outras teorias” (Amorim, 2004, p. 177). Assim, a referência, sobretudo explícita, a outros autores, é premissa básica do fazer científico, já que a construção do conhecimento se funda no diálogo responsivo com investigações prévias de outros autores sobre dado tema.

Por assim entendermos, sustentamos, na esteira de Delcambre (2013) e Boch (2013), que, na esfera acadêmico-científica, são produzidos e circulam textos que não necessariamente são de natureza científica. Nesse sentido, consideramos fundamental estabelecer o sentido de *científico* com o qual temos trabalhado.

Nossa posição sobre como concebemos o texto científico encontra respaldo na linha de compreensão de definições propostas por Boch (2013) sobre escrita científica³, dentre as quais destacamos a seguinte:

[...] nós entendemos por escritos científicos os escritos produzidos por pesquisadores (doutorandos ou pesquisadores profissionais) que visam a construção e difusão do saber científico. De maneira mais institucional, nós designamos por escrito científico toda produção (artigo, tese, atas de colóquios, etc.) reconhecida como tal por um quadro habilitado para fazê-lo: organismos de pesquisa, universidades, mas também comitês de revista científica, que são elas mesmas constituídas em grande parte por pesquisadores vinculados a esses organismos. (Boch, 2013, p. 544).

As palavras de Boch (2013) reiteram o entendimento segundo o qual nem todo escrito que se produz e circula no que se denomina de esfera acadêmico-científica se constitui em uma produção científica. É preciso, pois, segundo esse ponto de vista, reconhecer que há aqueles gêneros que podemos associar mais diretamente à prática da atividade de pesquisa e de divulgação do conhecimento científico, como é o caso, por exemplo, do abstract, da tese e do artigo científico. É preciso reconhecer, também, que há aqueles textos (como diário de leitura, seminário, o relatório de estágio, o resumo, o fichamento, entre outros) que ficam mais circunscritos ao espaço de sala de aula da universidade, visando especialmente à averiguação do aprendizado do estudante em disciplinas, aos quais podemos associar o termo *acadêmico*.

Dentre os gêneros de natureza propriamente científica está o artigo científico, que é tomado aqui como “uma prática comunicativa prototípica da atividade de pesquisa”⁴ (Boch, 2013, p. 553) ou ainda como o gênero por excelência da atividade de produção e divulgação do conhecimento científico.

Partindo dessa perspectiva, entendemos o artigo científico como um espaço de dialogismo enunciativo no qual o autor se posiciona em relação à comunidade científica para a qual se dirige e na qual objetiva ser inserido mediante a apresentação dos resultados obtidos em sua investigação em determinado domínio do saber (Garcia Negroni, 2008). Sua finalidade principal é, portanto, socializar, para um público especializado (pesquisadores, professores, pós-graduandos, entre outros profissionais), os resultados novos de uma pesquisa sobre tema específico, visando a contribuir com a construção do conhecimento em dada área do saber.

Encerramos afirmando que entendemos o artigo científico como um gênero discursivo, de natureza complexa, que reflete, em seu conteúdo temático, no seu estilo e em sua construção composicional, as condições e finalidades comunicativas da esfera da atividade humana na qual é produzido e circula. Cabe-nos acrescentar, ainda, que, como prática comunicativa da esfera acadêmico-científica, o artigo científico se inscreve na dinâmica da produção do conhecimento da área disciplinar

³ É importante anotar que, na França, o termo *acadêmico* carrega uma conotação depreciativa, como aponta Delcambre (2013), o que pode explicar o fato de serem mais correntes, em produções francesas, termos como *texto científico* e *letramento universitário*, em vez de *texto acadêmico* e *letramento acadêmico*, por exemplo.

⁴ Tradução nossa do original em francês: “une pratique communicative prototypique de l’activité de recherche.” (Boch, 2013, p. 553).

em que está inserido o pesquisador, bem como do contexto específico de produção, circulação e recepção (periódico X ou Y, evento X ou Y, por exemplo).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme já apontado, este trabalho é um recorte de nossa pesquisa de doutorado. Assim sendo, o nosso modo de conceber a pesquisa e o percurso metodológico traçado para a realização da investigação desenvolvida serão retomados aqui de forma mais sintética⁵.

Os direcionamentos de pesquisa nos quais assentamos nossa investigação encontram ancoragem nas compreensões sobre a pesquisa em ciências humanas construídas sobretudo a partir de escritos do Círculo de Bakhtin. Situando-nos na perspectiva de compreensão bakhtiniana sobre a pesquisa em ciências humanas (Bakhtin, 2003, 2016b, 2017b) e concordando com Amorim (2016, p. 21), para quem “o trabalho do pensamento nas ciências humanas é sempre convocado por uma dimensão interpretativa [...]”, compreendemos que nossa pesquisa se caracteriza como um empreendimento investigativo de natureza interpretativa.

Concordando também com a visão de pesquisa qualitativa expressa por Cresweell (2007), assumimos que o movimento interpretativo realizado pelo pesquisador compreende um direcionamento investigativo que pode incluir a descrição, a análise e a interpretação como procedimentos inter-relacionados, os quais entendemos concorrem para assegurar uma compreensão mais profunda sobre o nosso objeto de estudo (Bakhtin, 2016b).

Em consonância com esse modo de conceber a pesquisa e a atividade do pesquisador, o método de abordagem que adotamos é o qualitativo. Essa opção se justifica pelo fato de não estarmos interessados em quantificações e em generalizações ou, mais precisamente, em um saber exato, mas em um trabalho de interpretação que se constrói sobre o dado singular (o enunciado, um sujeito falante) e que se pauta no movimento da compreensão construída pelo pesquisador, afinal, de acordo com o que propõe Bakhtin (2016b, p. 87), em sua perspectiva de construção dialógica do conhecimento, “a investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo. [...] Nós colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta”. Não se trata, portanto, de um exercício em que o pesquisador ‘contempla’ uma coisa muda, mas de um encontro de discursos, no qual se tem um *sujeito que fala com o pesquisador* (Amorim, 2016), ratificando, desse modo, a *especificidade discursiva das ciências humanas* (Amorim, 2016).

O corpus de análise se constitui de 10 artigos científicos recortados dos *anais da VII edição do Congresso Internacional da ABRALIN*, realizado em 2011, na Universidade Federal do Paraná. Considerando o nosso propósito de investigar textos de autoria de jovens pesquisadores, foram selecionados artigos produzidos especificamente por estudantes de mestrado acadêmico. No nosso caso, a opção foi por artigos de estudantes de nossa área de formação, a Linguística. A escolha dos anais da referida edição tomou como critério o fato de ser, no período da coleta do

⁵ Uma descrição detalhada pode ser encontrada na seção de metodologia de nossa tese (Bessa, 2016).

corpus, o congresso mais recente da referida associação com anais disponíveis nos formatos de CD-ROM e online.

O enfrentamento analítico do corpus observou os seguintes procedimentos: i) após uma leitura exploratória inicial para conhecer cada um dos textos do corpus, no que concerne ao conteúdo e à organização textual, procedemos à realização de leitura e releitura do material, com vistas a identificar e destacar enunciados que pudessem ser interpretados como manifestações de posições responsivas do produtor; ii) sistematização e agrupamento dessas manifestações em categorias analíticas (detalhadas na seção de análise); iii) descrição de categorias de análise correspondentes a essas manifestações; iv) seleção de fragmentos/excertos dos textos do corpus para ilustrar as categorias de análise elaboradas; v) realização de análise qualitativa do corpus, com vistas a descrever e a interpretar as manifestações das posições responsivas.

5 POSIÇÕES RESPONSIVAS NA ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE JOVENS PESQUISADORES: INDÍCIOS DE CONSTRUÇÃO DE AUTORIA

Concentramos o nosso olhar, neste momento, sobre o exame de posições responsivas⁶ como indícios de autoria na escrita científica do jovem pesquisador. A ideia de posições responsivas implica de nossa parte conceber os enunciados *como conjuntos de sentidos* (Bakhtin, 2016a), entendendo, pois, que cada enunciado manifesta variadas atitudes responsivas como reflexo do diálogo entre palavras, vozes, discursos, que constitui todo dizer de um sujeito falante/escrevente.

Como no exercício analítico que empreendemos aqui não nos detemos no exame de um enunciado em particular em seu todo concreto e acabado, mas considerando o conjunto dos 10 artigos que constituem o corpus da pesquisa, tomamos as posições responsivas como indício de autoria, centrando nossa análise no nível da microestrutura textual desses artigos. Assim, a presente seção se estrutura com base no estabelecimento de categorias de análise construídas a partir de nosso diálogo responsivo com o conjunto dos textos do corpus.

Considerando as limitações de espaço e a nossa intenção de evitar uma análise muito exaustiva, optamos por sistematizá-la do seguinte modo: apresentamos, inicialmente, um quadro com uma síntese das formas de posições responsivas identificadas, e, em seguida, fazemos um exercício de análise de algumas dessas formas, de modo a possibilitar uma compreensão a respeito de como o jovem pesquisador se posiciona em relação à palavra de outrem e como tece o seu dizer no embate com essa palavra.

⁶ A ideia de concebermos as posições responsivas como direcionamento analítico para o estudo sobre indícios de autoria na escrita científica tomou como ponto de partida a seguinte afirmação de Bakhtin (2010, p. 215): “Em um artigo científico, onde são citadas opiniões de diversos autores sobre um dado problema – umas para refutar, outras para confirmar e completar – temos diante de nós um caso de inter-relação dialógica entre palavras diretamente significativas dentro de um contexto. As relações de acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, etc.”.

Quadro 1 – Posições responsivas do jovem pesquisador no diálogo com a palavra alheia.

<i>Posições responsivas</i>	<i>Descrição</i>
Alteração dos sentidos do dizer do outro.	Compreende a forma de diálogo em que o estudante modifica os sentidos do dizer expresso pelo autor do texto reportado.
Reafirmação do dizer do outro.	Corresponde à forma de diálogo em que o estudante se volta para reafirmar o já dito por outra voz.
Desenvolvimento do dizer do outro.	Diz respeito à forma de diálogo em que o estudante realiza um desenvolvimento do conteúdo dito por outrem, relacionando-o, por exemplo, a um conceito, uma noção ou um fenômeno estudado.
Simplificação do dizer do outro.	Concerne à forma de diálogo em que o estudante constrói uma compreensão que simplifica/reduz a compreensão sobre o que o autor citado expressou.
Concordância com o dizer do outro.	Diz respeito à forma de diálogo em que o estudante manifesta uma posição de concordância em relação ao dizer do outro que ele cita.
Discordância do dizer do outro.	Corresponde à forma de diálogo em que o estudante expressa uma posição de discordância em relação ao dizer do outro que ele cita.
Avaliação crítica do dizer do outro.	Concerne à forma de diálogo em que o estudante manifesta uma avaliação crítica em relação ao dizer do outro ao qual ele se reporta.

Fonte: Dados da pesquisa do autor.

No quadro acima, temos as 7 formas de posições responsivas que identificamos em nosso corpus. Elas ratificam a posição bakhtiniana de existência de *infinitas gradações no grau de assimilação entre as palavras* (Bakhtin, 2016b) e de *graus variáveis de apreensão do dizer do outro* (Bakhtin, 2016b), e que pudemos observar no dizer do jovem pesquisador na escrita do artigo científico.

Como são produções científicas de estudantes de mestrado, que estão em condição de formação na pós-graduação e, portanto, de assimilação de leituras teóricas, de aprendizado dos meandros da pesquisa científica e do despertar do domínio de uma linguagem científica, parece-nos esperado que o diálogo com a palavra de outrem expresse posições como *reafirmação do dizer do outro*, *simplificação do dizer do outro* e *concordância com o dizer do outro*. Nessa linha de compreensão, posições como *discordância do dizer do outro* e *avaliação crítica do dizer do outro* são, naturalmente,

pouco comuns e, por isso, se manifestam em contextos pontuais das práticas de escrita de um ou outro produtor. Esses achados sinalizam a maneira singular de diálogo com a palavra de outrem (Ponzio, 2019) e, portanto, como esses jovens pesquisadores explicitam suas relações com as teorias (Amorim, 2004) que mobilizam para constituir o seu dizer.

Isso posto, passemos, a seguir, ao exame de algumas das formas de posições responsivas assumidas pelos jovens pesquisadores na construção de seu dizer com base em excertos recortados de artigos científicos de nosso corpus:

Excerto 01: Quanto à responsabilidade pelos escritos produzidos, a primeira coisa que podemos pensar diz respeito a uma transição advinda dessa postura responsável: a passagem de enunciador para autor. **Responsabilizar-se pelo escrito talvez seja a mais importante característica de diferenciação entre essas duas posições discursivas (ORLANDI, 1996).** Enquanto o enunciador pode se colocar ou se representar de diversas maneiras no texto – talvez quase que como uma personagem cuja discursividade depende da posição em que ela se encontra no contexto textual, e nesse sentido um texto pode ter vários enunciadores sem que isso represente qualquer problema –; do autor se espera que ele faça, independente dos enunciadores, com que o texto tenha unidade, coerência. **A responsabilidade do autor está justamente em passar da “multiplicidade de representações possíveis do sujeito, enquanto enunciador, para a organização dessa dispersão num todo coerente (e consistente) com que se apresenta o autor, responsável pela unidade e coerência do seu discurso”.** (ORLANDI, 1996, p. 79). (AC01, p. 69)⁷.

FLP 22(2)

Embora esse excerto seja bastante significativo quanto às possibilidades de explorarmos a complexidade das relações de apreensão da palavra alheia no dizer do jovem pesquisador, concentraremos nossa atenção no trecho destacado em negrito, porque ele mostra que o trabalho do produtor de AC01 sobre o dizer da autora a que ele se reporta configura uma forma de modificar a ideia expressa no dizer alheio. Nesse caso, o produtor manifesta sua compreensão responsiva realizando um trabalho de reelaboração que modifica os sentidos do dizer expresso pela autora citada, conforme indicam duas operações enunciativas realizadas. A primeira delas diz respeito ao fato de o produtor de AC01 citar o dizer de *Orlandi* sobre *a responsabilidade do autor* assumindo-o sob a forma de uma afirmação, quando, no texto da autora, esse dizer se expressa sob a forma de uma pergunta (cf. citação abaixo), indicando, portanto, já aí uma primeira nuance de uma compreensão que diverge do dizer da autora reportada. Senão vejamos:

⁷ Os artigos científicos que compõem o corpus da pesquisa foram codificados observando-se a seguinte identificação: AC01, AC02, AC03 e assim por diante, em que AC corresponde a Artigo Científico e os numerais 01, 02, 03 ... correspondem à ordem numérica, estabelecida aleatoriamente, dos textos no corpus. Ao longo das análises, procuramos nos referir aos autores dos artigos como produtores, para evitar qualquer conflito com a designação das vozes que eles citam em seus textos, as quais são reportadas como autores, estudiosos, teóricos. Acompanhando a identificação do artigo, encontra-se ainda a indicação da página da qual foi recortado o excerto. Assim, AC01, p. 69 indica que o fragmento em análise é do artigo científico do produtor 01 e foi recortado da página 69. Além disso, destaques que aparecem nos excertos são de nossa responsabilidade, dado o propósito de realçarmos determinados aspectos da análise.

Como passar da multiplicidade de representações possíveis do sujeito, enquanto enunciador, para a organização dessa dispersão num todo coerente (e consistente) com que se apresenta o autor, responsável pela unidade e coerência do seu discurso?

Pode-se pensar as várias características que são diferentes entre enunciado e autor. **Quer-nos parecer** que, nesta reflexão, basta considerarmos uma das mais, senão a mais, importante: a reponsabilidade. (Orlandi, 1996, p. 78, grifos nossos).

Mesmo que possamos argumentar que os sentidos se (re)constroem a cada novo contexto e evento comunicativo (Bakhtin, 2016a, 2017a), observamos que o produtor não parece pretender se contrapor à posição da autora que cita, confirmando-se que ele construiu uma compreensão cujos sentidos se afastam da compreensão expressa por *Orlandi*. Isso fica mais evidente quando constatamos a segunda das duas operações anunciadas, que consiste no fato de considerar que, em seu texto, *Orlandi* se volta para sua pergunta e suscita uma resposta em que concebe a *responsabilidade do autor* como uma das características para pensar as diferenças entre *autor* e *enunciador*. Convém observarmos, porém, que *Orlandi* apresenta uma resposta na qual realiza a operação de modalização do dizer, como podemos comprovar a partir do uso da expressão *Quer-nos parecer*, enquanto que, no dizer de AC01, essa modalização desaparece.

Assim, o produtor de AC01 constrói um dizer cuja compreensão responsiva expressa um efeito de afirmação categórica, que, dessa forma, modifica os sentidos como foram concebidos por *Orlandi*, já que esta, ao se expressar, revela uma preocupação de modalizar o seu dizer. Um caso dessa natureza pode ser interpretado, portanto, como um problema de reformulação e assimilação da palavra de outrem⁸.

Excerto 02: Em Bakhtin (2006), compreendemos que todo diálogo instaurado constitutivamente na enunciação associa-se também ao entrelaçar com outras enunciações. O enunciado, para ele, é propriamente um elo da cadeia muito complexa de outros tantos enunciados já ditos. Afirma ele que:

Toda enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação ininterrupta [...]. A comunicação verbal entrelaça-se inextrincavelmente aos outros tipos de comunicação, e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. (2006, p. 128). [grifos do autor]

Assim concebida, a enunciação mantém um vínculo indissociável com as situações concretas (imediatas e amplas) nas quais se constitui a produção verbal, mantém por isso mesmo um elo com o curso histórico das enunciações. (AC08, p. 2070-2071).

O excerto 02 é recortado de uma seção teórica de AC08 intitulada *Abordagem dialógica dos enunciados*. É com base nessa informação que podemos compreender melhor o diálogo do produtor de AC08 com a palavra alheia no excerto acima. Esse excerto pode ser compreendido como um recorte indicador do esforço do produtor de discutir o enunciado na *abordagem dialógica*. Nesse esforço, o produtor recorre ao

⁸ Caso semelhante é apontado em estudo de Pollet e Piette (2002) a propósito das práticas de reformulação do dizer na escrita de estudantes universitários.

discurso citado indireto e ao discurso citado direto, respectivamente, com vistas a construir uma compreensão sobre o conceito de *enunciado* segundo a referida abordagem. Os dizeres que se sucedem ao discurso citado direto (destacados em sublinhado) constituem nosso foco de atenção aqui, porque eles sinalizam como o produtor de AC08 expressa sua compreensão responsiva em relação, sobretudo, aos dizeres expressos no discurso citado direto. Quando partimos da compreensão de que existe um vínculo da enunciação com as situações concretas (Bakhtin, 2016a), podemos entender que as palavras do produtor de AC08 constituem, na verdade, uma posição de reafirmação dos sentidos do dizer já expressos no discurso citado a que ele se reporta.

Tal posição se apresenta, assim, como uma forma de relação dialógica das mais comuns nos textos dos estudantes de mestrado investigados, sobretudo quando há retomada/comentário do dizer do outro, expresso em contextos de citações longas. Se, para alguns estudiosos, tal postura poderia ser concebida como problemática ou pouco produtiva, porque há ‘mera’ repetição de ideias, não podemos ignorar, além de outros aspectos, a possibilidade de que o produtor esteja sinalizando sua condição, enquanto jovem pesquisador, de uma aproximação com a abordagem teórica que discute. Seria o caso de considerarmos, dessa forma, tanto a complexidade da abordagem teórica quanto o tempo de trabalho do pesquisador com essa abordagem – aspectos esses que, inegavelmente, têm determinações sobre o trabalho do sujeito em relação ao dizer do outro, mas que parece, raramente, ser levado em conta em estudos sobre a questão do discurso citado na escrita de jovens pesquisadores – como forma de melhor compreender como o jovem pesquisador estabelece diálogo com as vozes que cita e articula na construção do seu dizer autoral.

FLP 22(2)

Excerto 03: Pelo menos todos os exemplares de intertextualidade trazidos na obra de Koch, Bentes e Cavalcante (2007), embora muitos se utilizem de elementos não verbais, trazem o intertexto em sua materialidade linguística. **Então será adequado dizer que o intertexto é somente uma “co-incidência de fragmentos de textos” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p. 121), quando ele se refere somente a elementos linguísticos? Não pensamos assim.** Talvez o conceito de texto e, por consequência, o de intertexto tenham de ser reavaliados permitindo que outros elementos semióticos sejam contemplados ao conceito. (AC03, p. 4356).

Nesse excerto, temos um caso em que é perceptível que o produtor assume uma posição de rediscutir a definição de intertexto expressa pelos autores aos quais se reporta, Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Nesse sentido, o produtor de AC03 se posiciona expressando a necessidade de se reavaliar os conceitos de *texto* e de *intertexto*, no sentido de fazer com que *outros elementos semióticos sejam contemplados*. Trata-se, pois, de manifestar um posicionamento que busca ir além da compreensão expressa pelos autores reportados, ainda que não entremos aqui no mérito de concordar ou discordar da posição que AC03 assume ou de questionar se ela, de fato, se sustenta.

Esse excerto parece ilustrar bem um daqueles casos (bem raros em nosso corpus) que se enquadraria dentro de um perfil de pesquisador com mais capacidade de construir um saber fundado na elaboração de posicionamentos próprios e do

estabelecimento de *distância crítica* (Pollet; Piette, 2002) em relação às posições dos autores citados.

Excerto 04: Além dos aspectos sócio-comunicativos e funcionais, o próprio suporte textual pode caracterizar o gênero presente. Um exemplo disso é o conjunto de gêneros textuais que estão imergindo com a *Internet*, mesmo a maioria deles tendo outros similares em outros ambientes comunicativos, tanto orais como escritos. *Nesse sentido, pode-se concordar com Marcuschi* que “[...] os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas ao lado do papel e do som [...] a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” (MARCUSCHI, 2002, p. 13). (AC04, p. 4309).

O excerto 04 está inserido em um contexto em que o produtor discute o surgimento de novos gêneros textuais no universo das novas tecnologias, mais precisamente da internet. Com vistas a sustentar a afirmação de que a internet possibilita emergir um conjunto de gêneros textuais, o produtor de AC04 busca respaldo na voz de uma figura considerada autoridade no assunto, no caso, o linguista *Marcuschi*. Nesse caso, AC04 explicita textualmente, por meio de elementos linguísticos indicadores de relação de concordância (destacado, em negrito, no excerto), sua posição de adesão em relação à visão do estudioso reportado, para quem a “internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”.

Pelo que pudemos observar no corpus de nossa pesquisa, concordar com o dizer do outro é uma forma de posição responsiva notadamente recorrente. Tal postura pode estar claramente relacionada ao estágio de formação do pesquisador, logo, na condição de iniciante na atividade científica, o estudante de mestrado tende a não revelar ainda uma maturidade teórica e intelectual que lhe permita entrar em confronto com a posição de um trabalho de um pesquisador experiente e com produções já estabelecidas e de importância reconhecida pelos pares.

Excerto 05: Bakhtin (1997) trouxe os estudos dos gêneros para outras searas além da retórica, atribuiu-lhes um caráter social e organizou um conceito formado com base no tripé estrutura composicional, conteúdo temático e estilo, além de mostrar a sua relativa estabilidade. **É principalmente este último traço que o aproxima de Miller, Swales e Marcuschi, embora cada um deles saliente um determinado aspecto do gênero para sua definição.** Por isso, **não podemos nos prender única e exclusivamente a Bakhtin**, embora ele pareça ter sido base para as mais variadas linhas de pesquisa sobre gêneros da década de 50 para cá, pois **seus estudos foram válidos para aquele momento histórico. Ele não conheceu os gêneros digitais, por exemplo.** Talvez em sua época características um tanto quanto formais, como a estrutura composicional, fossem bastante notáveis em todos os gêneros, traço que não podemos atestar hoje, com o avanço tecnológico. (AC03, p.4351).

Nossa leitura desse excerto leva em conta a maneira peculiar como o seu produtor dialoga com o dizer do outro e manifesta uma apreensão desse dizer

estabelecendo posições de independência e de distância em relação às palavras às quais se reporta. Podemos observar que o excerto é repleto de expressões com tom avaliativo crítico e carregado de modalizações, na medida em que o produtor traça aproximações e distanciamentos acerca do modo como diferentes estudiosos (Miller, Swalles, Marcuschi e Bakhtin) concebem gêneros. Tal postura leva AC03 a anotar uma limitação no que concerne à adoção de uma única perspectiva teórica (no caso, a perspectiva bakhtiniana) no estudo dos gêneros em pesquisas da natureza daquela que ele desenvolve, por entender que *sens estudos [de Bakhtin] foram válidos para aquele momento histórico. Ele não conheceu os gêneros digitais, por exemplo.*

Se o excerto acima revela uma posição responsiva que podemos enquadrar dentro do perfil de pesquisador que assume posição mais crítica e que, portanto, indica revelar mais autonomia intelectual, não nos parece ser o caso aqui de fazermos uma defesa em favor dessa postura, sem considerar o funcionamento de todas as formas de posição responsiva no todo do texto, até porque temos que considerar, além disso, que casos como o desse excerto não foram recorrentes nos artigos analisados. Assim, se avaliar criticamente o dizer do outro é um tipo de posição responsiva que deve ser estimulada e explorada nas práticas comunicativas do universo acadêmico-científico, é preciso ter claro também que esse não é o tipo de posição responsiva que deve ser (mais) esperado em textos dos jovens pesquisadores, conforme sinalizado em estudo de Cintra (2013).

Casos como os analisados aqui nos levam a entender que, mesmo quando não expressa discordância do dizer do outro ou avalia criticamente as ideias às quais se reporta, o jovem pesquisador não deixa de construir, na maioria das vezes, uma compreensão produtiva do dizer do outro e que satisfaça os propósitos do trabalho e reflexão pessoal que produz, sobretudo quando consideramos que esses produtores estão ainda em um estágio inicial de formação como pesquisador.

Além do mais, seria o caso de considerarmos aqui que, se o artigo científico do jovem pesquisador revela uma contribuição de maior ou menor impacto para a área do saber, ou se tem maior ou menor relevância enquanto construção de conhecimentos, não é necessariamente em função de um posicionamento (de concordância, de reafirmação ou de repetição, por exemplo) expresso no nível da microestrutura textual. É preciso considerar, portanto, uma dimensão mais ampla, que recobre a construção de uma reflexão pessoal, construída sempre no diálogo com outras vozes, que o projeto de dizer autoral expressa no todo concreto e acabado do enunciado.

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, propusemo-nos a analisar a manifestação de posições responsivas como indício de autoria na escrita de artigos científicos de jovens pesquisadores, mais particularmente de estudantes de mestrado da área de Linguística. Para tanto, procuramos examinar o diálogo que se trava entre a palavra do estudante de mestrado e a palavra outra/citada, buscando compreender como, na tessitura dos dizeres, esse estudante apreende/assimila/reelabora a palavra de outrem.

Fundamentados na perspectiva enunciativa da linguagem bakhtiniana e em trabalhos de estudiosos que discutem a escrita científica, analisamos um corpus

constituído por 10 artigos científicos produzidos por estudantes de mestrado da área de Linguística.

No exame de nosso corpus, identificamos, sem que pudéssemos esgotar outras possibilidades, 7 formas de posições responsivas que se expressam como indício de autoria no dizer do jovem pesquisador, quais sejam: *alteração dos sentidos do dizer do outro*, *reafirmação do dizer do outro*, *desenvolvimento do dizer do outro*, *simplificação do dizer do outro*, *concordância com o dizer do outro*, *discordância do dizer do outro* e *avaliação crítica do dizer do outro*. A análise empreendida aponta que essas formas de posições responsivas identificadas nos textos dos estudantes de mestrado indicam configurações de uma escrita autoral que se caracteriza por variadas gradações no processo de assimilação/apreensão da palavra alheia, sendo o compartilhamento e a reprodução de ideias e dos dizeres de outrem, assim como a adesão às posições dos autores citados, as maneiras de diálogo mais operantes na construção do dizer do jovem pesquisador.

Nossas conclusões sugerem afirmar que, para além das exigências de construção de conhecimento novo e de expressão de mais autonomia intelectual e originalidade nas produções escritas, é preciso ter em conta que o estudante de mestrado, no estágio de formação em que se encontra e nas condições em que produz conhecimento hoje, tende, muito mais frequentemente, a construir um dizer autoral na escrita científica, assentado na reprodução (não necessariamente mecânica, improdutiva ou infértil) de ideias, pensamentos e palavras de outrem (sobretudo dos autores de referência), bem como compartilhamento das posições dos autores que cita.

FLP 22(2)

REFERÊNCIAS

- Amorim M. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa; 2004.
- Amorim M. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: Rodrigues RH, Pereira RA, organizadores. Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada. São Carlos: Pedro e João editores; 2016. p. 17-45.
- Bakhtin M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: Bakhtin M. Estética da criação verbal. Bezerra P, tradutor. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2003. p. 337-357.
- Bakhtin M. Problemas da poética de Dostoiévski. Bezerra P, tradutor. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2010.
- Bakhtin M. Os gêneros do discurso. In: Bakhtin M. Os gêneros do discurso. Bezerra P, organizador, tradutor, posfácio e notas. São Paulo: Editora 34; 2016a. p. 11-69.
- Bakhtin M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: Bakhtin M. Os gêneros do discurso. Bezerra P, organizador, tradutor, posfácio e notas. São Paulo: Editora 34; 2016b. p. 71-107.
- Bakhtin M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: Bakhtin M. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Bezerra P, organizador, tradutor, posfácio e notas. São Paulo: Editora 34; 2017a. p. 21-56.
- Bakhtin M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: Bakhtin M. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Bezerra P, organizador, tradutor, posfácio e notas. São Paulo: Editora 34; 2017b. p. 57-79.

Bazerman C. El descubrimiento de la escritura académica. In: Navarro F, coordenador. Manual de escritura para carreras de humanidades. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires; 2014. p. 11-16.

Bessa JCRB. Dialogismo e construção da voz autoral na escrita de textos científicos de jovens pesquisadores [tese]. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2016.

Bessa JCR. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. *Raído*. 2017;11(27):23-41.

Bianchetti L. O desafio de escrever dissertações/teses: como incrementar a quantidade e manter a qualidade com menos tempo e menos recursos? In: Bianchetti L, Machado AMN, organizadores. A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3ª. ed. São Paulo: Cortez; 2012. p. 165-188.

Boch F. Former les doctorants à l'écriture de la thèse en exploitant les études descriptives de l'écrit scientifique. *Linguagem em (Dis)curso*. 2013;13(3):543-568.

Borges FCV, Marinheiro TS. Argumentação e autoria nas produções textuais escritas na escola. *Domínios de Linguagem*. 2011;4(2):71-95.

Brambila G, Vidon LN. A avaliação da autoria no ENEM: diálogos a partir de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault. *Revista Ifes Ciência*. 2019;1(1):3-15.

Castro G. Discurso citado e memória: ensaio bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo. Chapecó: Argos; 2014.

Cintra AM. Discutindo apropriação de informações e autonomia de linguagem de pós-graduandos. In: Riofi CR, Almeida S, Barzotto VH, organizadores. *Leitura e escrita: impasses na universidade*. São Paulo: Paulistana; 2013. p. 41-62.

Delcambre I. Le mémoire de master: ruptures et continuités. Points de vue des enseignants, points de vue des étudiants. *Linguagem em (Dis)curso*. 2013;13(3):569-612.

Fiad RS. Ensino e autoria. In: Tfouni LV, organizadora. *Múltiplas faces da autoria*. Unijuí; 2008. p. 217-236.

Fortunato MV. *Autoria e aprendizagem da escrita [tese]*. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2009.

Furlanetto MM, Ribeiro VV. Índícios de autoria na produção de resenhas de estudantes de ensino médio. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. 2016; 55(3):777-804.

Garcia Negroni MM. Subjetividad y discurso científico-académico: acerca de algunas manifestaciones de la subjetividad en el artículo de investigación en español. *Signos*. 2008;41(66):9-31.

Geraldi JW. Palavras escritas, indícios de palavras ditas. *Linguagem em (Dis)curso*. 2003;3:9-25.

Lima MLC. Texto e autoria em gestos de leitura e escrita no ENEM. *Entremeios*. 2017;15:127-150.

Pollet MC, Piette V. Citation, reformulation du discours d'autrui. Une clé pour enseigner l'écriture de recherche? *Spirale*. 2002;29:165-179.

Ponzio A. *A revolução bakhtiniana*. Miotello V, coordenador e tradutor. São Paulo: Contexto; 2009.

Ponzio A. *Procurando uma palavra outra*. Miotello V, et al., tradutores. São Carlos: Pedro e João editores; 2010.

Volóchinov V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Grillo S, Vólkova E, tradutoras. São Paulo: Editora 34; 2017.

Waters L. Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição. Dutra LHA, tradutor. São Paulo: Editora da UNESP; 2006.

FLP 22(2)